

A URGÊNCIA DE ANIMAR O CORAÇÃO

(POESIA REUNIDA)



LUIS MANOEL SIQUEIRA

Capa: Feather. (Autor desconhecido)

A URGÊNCIA DE ANIMAR O CORAÇÃO

Esta obra foi licenciada com a Licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Obras Derivadas Proibidas 3.0 Não Adaptada. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/> ou envie um pedido por carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

RECIFE 2011

Que ninguém subestime a simplicidade dos versos e da prosa reunida neste livro. A simplicidade e a fluência são canções em segundo grau de uma privilegiada sensibilidade. Em primeiro plano, mas como um segredo a ser desvelado, está o poder metafórico de um lirismo radical em que a epifania do afeto (tantas vezes da infância) vem do cotidiano, do desamparo, do descompasso entre o poeta e o mundo.

Se — como dizia Vinicius de Moraes — “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”, é preciso, para amar um poeta como Luís Manoel, enveredarmos por essa vida secreta das coisas e dos seres sedentos de absoluto, sempre flagrados nos desencontros e nos hiatos da realidade, mas com a esperança de que “Talvez este mundo consiga / a tradução pelas coisas / no seu formato completo / e, um dia, termine a procura / enchendo o vazio dos homens”.

Paulo Gustavo, escritor e Mestre em Teoria da Literatura.

Para

Solange Maria
Liliana Maria
Jorge Luis e
Lara Rebeca

FEITIÇO

A clarabóia dos seus olhos não esconde
um sonho triste do outro lado da vidraça
é como um tigre envolvido pela sombra
de um caçador que nunca encontra sua caça.

O circo inteiro já partiu de manhãzinha
sem perceber toda a tristeza do felino
a fera presa no jardim do seu vestido
era o meu sonho de amor quando menino.

Alguém de negro joga cartas sobre a mesa
a um marinheiro de gravata azul marinho
o rei de copas sai da carta e o tigre mata
e o marinheiro se transforma em passarinho.

Por muito tempo esse feitiço foi cumprido
e vem de noite arranhar a sua porta
como quem chora a perfeição desse destino
meio felino, marinheiro, gaivota.

A NOITE QUE PRECISO TANTO

A noite é minha, escura ou clara
Retém meu sono em plena rua
Eu quero a noite e seu açoite
E uma lembrança de mulher nua.

A solidão no beco escuro:
-Eu quero o musgo que sobe o muro
A noite longa do hospital
A casa branca de areia e cal.

Eu quero a noite, o mar bramindo
A noite tensa que vive em mim,
A valsa triste, a eterna dança
Essa esperança, esse jardim.

JOKER

Sou filho da terra, sou preto carvão
sorriso maluco, macaco, leão
sou jogo do bicho, sou povo feliz
moleque que é dono do próprio nariz
eu sou trem virado por cima da linha
Mateus mentiroso, ladrão de galinha
sou dono da vida, da luz do luar
da festa que finda e vai recomeçar.

Senhora da casa arranje um dinheiro
cavalo marinho que passa ligeiro
Mateus de embolada, de briga na esquina
que levanta saia de moça menina
cachaça da boa, saco de farinha
sou filho do mangue, sou galo de rinha
sou chuva de vento que custa a passar
sou barco virado no fundo do mar
sou joça, mentira, sou revolução
sou traço e retraço do teu coração.

ESCOLHA

Exatamente por ser feio
exatamente por ser sujo
exatamente por ser pobre,
esquecido, caramujo.

Exatamente por ser triste
completamente solitário
por ser sempre negativo,
evasivo, imaginário.

Exatamente por ser claro
perfeitamente cristalino
diferente, do contrário,
perigosamente lindo.

ÀS

Alguma coisa no fundo da lama
alguma coisa no coração do mangue
espuma amarela que pulsa brilhante
borbulha crescente, chiando constante
contorce e estica, de unhas bem finas
metade bem suja, metade divina
fugida da água, das ondas de sal
e das marés cheias de carnaval
alguma coisa que quer ser feliz
melada de manga da boca ao nariz
um pouco de tribo, de totem maluco
espiga de milho, caju, Pernambuco
alguma revolta no céu da cidade
no sol meio- dia, na chuva da tarde
no suco da cana, verde – traição
na água barrenta, cachaça e limão
com cheiro de lama, com força de ás
dez patas peludas pra frente e pra trás.

LANCHE

Barracas ofertam um suco barato
bagaço de gente vivendo no chão
cachorros e gatos, baratas e ratos
e carnes estranhas com molho no pão

Mil cheiros, mil cores, gordura, fumaça
pedaços de gelo quebrando na mão
salsichas antigas e brancas batatas
vizinhas de um prato de fígado alemão

O povo tem fome e sede de tudo
e além da mania de sobreviver
alguma esperança num mundo absurdo:
Recife tem fome e não pode comer.

ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU

Um dia desses me acordaram
às quatro horas da manhã
por causa de um maçarico
recém caído do céu
que o cachorro abocanhou
mas não comeu.

Era um breve passarinho
cansado da viagem
perdido da sua rota
transcontinental.

quase morto quase vivo
veio do céu pros meus braços
como a pomba do dilúvio.
qual nada era dezembro
plena seca no sertão
pelo céu muito esquecido.

Pai, teu maçarico chegou
como tu, um dia, à fonte
e agora o que é de mim ?
que tenho eu com passarinhos ?
com esses anjos caídos
assim na terra como no céu ?

Que faço eu com o maçarico
enviado por teus ventos
bem ao pé de minha cama ?
que não me chamo Francisco
nem nasci em Samaria,
não sei de revoluções
ou fuxicos do além
em poder dos sacerdotes.

Sou apenas tão comum
tão comum e tão sozinho
que de mim sinto saudades
e me perco no caminho.

E me encontro toda vez
que encontro algum sujeito
que sorri, bate no peito
e zomba do seu destino.

Olha um dia para mim
uma vez só, distraído
faz-me então teu maçarico
como tu podes fazer.

Dá-me um vento que seguir
e uma casa pra pousar
uma mão que me recolha
e um cachorro que não coma.

ORAÇÃO PARA BOA VIAGEM

Senhor, a vida se resume
à zona Sul
que lá, Senhor, a vida
ao mar azul se une.

E ao Shopping Center
também, Senhor
no mostra-mostra
no tem – não – tem .

Ao crediário, senhor
esse divino mediador
e à doce vida:
um pouco fútil
mas colorida.

PROMESSA

Quando eu morrer
e encontrar a porta de Deus
vou chegar de ponta de pé
tocar a campainha
e correr.

O GRANDE CIRCO MEXICANO

Um dia, alguém escondido
algum emissário das sombras
pôs fogo no circo de lona
e incendiou meu passado.

As chamas que pela janela
queimaram a minha infância
gravaram por sobre a retina
lampejos no meio da praça
a dança de vultos, fumaça
os baldes de mão em mão
e alguém que chorando me abraça
no meio da multidão.

Quando um circo bom vai embora
então o milagre termina
para onde você foi, menina ?
com seu vestidinho florido
enquanto nas cinzas de agora
procuro o meu sonho perdido.

PLANOS DE JOÃO MAURICIO DE NASSAU-SIEGEN AO PISAR EM TERRA FIRME

Com pouco faço meu sonho
da espuma do mangue, manjar
a paz eu retiro e reponho
depois num feitiço medonho
ordeno um boi voar.

Nos mangues farei meu castelo
com conchas e água do mar
depois a cidade modelo
construo uma ponte no meio
e deixo a vida passar.

Um forte cercado de dentes
com mil caranguejos armados
depois um jardim replantado
com frutas de cor tropical
jamais terá Portugal
composto tão belo fado.

Então ponho fogo em Olinda
e num afago de seio
mais pontes, castelos e ainda
o canavial pelo meio:
(Recife é o umbigo da Índia
e a concha que surge no meio.)

O espaço que o sonho precisa
é a rota de cem caravelas
da Ilha de Antônio Vaz
aos morros de Casa Amarela

- Talvez seja tarde demais
já não terei tempo de vê-la ...

DEFESA

Para Teresa Halliday e Henrique Levy

O fato de teres tocado
a campainha e corrido
te servirá de defesa
no dia do juízo final.

Roubado as frutas alheias
olhado por baixo das saias,
o fato de teres queimado
as aulas de religião
te servirá de defesa
naquele tal tribunal.

Teus sonhos serão testemunhas
do que deveria ter sido
e quando o amor te faltou
e o gesto incompreendido.

Aquele beijo escondido
e o circo do teu quintal
te servirão de defesa
no dia do juízo final.

MADRIGAL

Para Lara Rebeca

No começo eu era apenas um sorriso
olhando a vida sendo já desembrulhada
um vulto simples, e depois, a borboleta
que caía pelo teto pendurada.

Fui um bando de mentiras, timoneiro
do navio do pirata cor-de-rosa
jardineiro, cão de guarda, salva-vidas
a conversa de um pateta todo prosa.

Em setembro fiz o meu jardim florido
e no circo do seu quarto apresentei
um palhaço, pintassilgo, pirilampo
e para sempre com a princesa me casei.

Foi o tempo que seus olhos só me viam
cavaleiro do castelo enevoadado
não sou mais aquele boi da cara preta
nem o seu bicho papão mais engraçado.

O sorriso do começo ainda existe
lá no sonho - pois eterna é toda lenda
lembro as noites que tinha você comigo
com dor de ouvido, nos meus braços, eu me
lembro.

A CANÇÃO DOS VINTE ANOS

Para Fernanda e João Querette

Pela rampa descem todos
habitantes da saudade
de uma rua acrescentada ao barulho do cajá
que caía a cada instante
cada vez que o vento dava
como um grão desfeito em ouro.

Por detrás daquela casa
numa porta sob a escada
mora um velho passarinho
criador de mil gaiolas
de canários cantadores
curiós desiludidos
e um gato siamês
um peixinho japonês
e uma velha irmã doente.

É vizinho da esquina
um menino curioso
que não tem cabelo grande
nem guitarra de cantor
nem dinheiro pro sorvete
Pão Recife confeitado.

Descem todos pela rampa
num desfile flutuante
como as águas da enchente
invadindo o mês de junho
e molhando a casa inglesa
cuja dona enlouqueceu
lá em cima do telhado
vendo as cobras no jardim.

Por um tempo lá morou
numa cama adormecida
uma velha portuguesa
e uma caixa de biscoitos
e o menino curioso
a riqueza do seu fim
que sabia repetir
mais uma canção francesa
" a pequena marionete ".

A pequena marionete
pela rampa da avenida
é a primeira namorada
que se foi e não voltou,
como a velha portuguesa
e a caixa de biscoitos
num caixão pro oceano
na barriga do avião.

Tinha a filha do homem rico
que roubava brucutu
e a coxa meio louca
que xingava a mãe alheia
quando lhe chamavam: - " Pato ! "

E a menina da mansão
do cabelo de cajá
do jardim maravilhoso
e pastores alemães,
ela era namorada
do menino baterista
do conjunto de painéis
e do sonho em ser feliz
da canção da humanidade
como sonha a humanidade
no cinema americano.

E depois foi um soluço
e depois, assombração
a saudade pela casa
como um tigre no porão
num programa em preto e branco.

Passam todos pela rua
haveriam de passar
e penetram pelo muro
despencando num abismo,
todos tão iluminados
tão chorosos e felizes
e se perdem no passado.

A CANÇÃO DO DOMADOR

Havia um tempo de circo
de animais amestrados
o dançarino espanhol
e o malabarista chinês.

Um carrossel colorido
onde se desperdiçava
as horas do esquecimento
com bolas de algodão doce.

O engolidor de espadas
a bailarina de louça
e o homem de fraque e cartola:
- Bem-vindos ao circo da vida !

Bum !
Alguém disparava o canhão
e dois palhaços malucos
atrapalhavam os artistas.

Você se lembra do Fritz ?
o mágico maravilhoso
que tinha estrelas na capa
lembra dele ?
Que um dia desapareceu
no meio do picadeiro
levando consigo a magia
dos últimos dias da infância ?

Para onde foi a alegria
do seu vestido florido
gravado em technicolor
que hoje procuro no tempo ?

Você tinha medo do tigre
mas nunca imaginava
que sob a lona do sonho
usando um disfarce encantado
eu era o fiel domador.

BOI

O boi que muge dentro d'água desse pote
no barro escuro do curtume ao sol
seca pintando o couro triste seu gemido
soprando os panos estendidos no varal.

Os pastos verdes de cigarras cintilantes
o fogo-fátuo da saudade do curral
o boi que muge dentro d'água, quem ele chama
se bebo a água e não me sinto mal ?

A ÚLTIMA VALSA

O casal da caixinha de musica
lembra um sonho que passou
por uma nuvem de violinos
de sorrisos
de emoções.

Nesta vida só dançamos uma única valsa:
a última...
que nunca acaba
é eterna.

TOADA DOS CAJUEIROS FLORIDOS

Se um búzio for tocado
do litoral ao sertão
quem o terá escutado ?

Quantas flores no prado
das nuvens do firmamento
se um coração for tocado ?

Meu amor foi sepultado
debaixo de um cajueiro
na florada de janeiro
foi depois ressuscitado

Minha boneca de pano
do mundo que não existe,
escuta esse canto triste
do fundo do oceano.

SEM JUSTO MOTIVO

Para Celina de Holanda

Tem dias de paredes enormes
e o mundo fica cheio como um balão de gás.
há de se pensar na solidariedade dos becos
do povo das janelas humildes
que forram a mesa com a vida
e comem o tempero dos justos.

Há de se pensar nos calendários e santos
nos jarros e fotos guardadas
antes que o soro termine
a seiva minguante da vida
e evite que a beleza existente
se perca sem justo motivo.

UM MUNDO ESTRANHO

O mundo estranho de todo dia
que aos olhos da natureza surge
não pertence aos braços do tempo
nem ao corpo moreno de amor
nascido das águas do rio
no sopro dos ventos alísios
em calmas noites de lua.

O mundo estranho das ruas
gravado nas placas e luzes
no pouco café derramado
fumaça que sai do cigarro
talvez consiga algum dia
amando o seu corpo moreno
a reconstrução das retinas.

Talvez ele morra algum dia
em tardes de sombra e canção
levando para sempre o cansaço
dos sonhos, das flores perdidas
na eterna memória abrasada.

Talvez este mundo consiga
a tradução pelas coisas
no seu formato completo
e um dia termine a procura
enchendo o vazio dos homens.

MANUAL DE INSTRUÇÕES

Para que ela não cole no rosto
ou torça o nó da gravata
manchando de azul a camisa:
usar o disfarce.

Também em lugares estranhos
de rostos e olhares estranhos
guardar as mãos no bolso
é delatar-se.

Lembrar do laço desfeito
no velho sapato arranhado
cabelo mau penteado: Muito cuidado !

Pois quando ela chega aparente
o nível entorna nos olhos
e a gente se perde da gente.

ACALANTO

Eu afoguei uma criança antiga
dentro do rio com a minha mão
quando morreu senti um calafrio
mas era o vento que soprava então

Devagarzinho eu afoguei aquela
que desfazia e refazia a trança
depois soltei-a pela correnteza
e retornei a minha velha dança.

Por isso tenho os olhos tão sombrios
negros espelhos daquela lembrança
eu afoguei-a por amá-la e em pranto
canto pra sempre este meu acalanto

TELEGRAMA URGENTE PARA SOLANGE SIQUEIRA

Um dia você recebeu
uma boneca suíça
e resolveu que com ela
jamais iria brincar.

(Ela era bonita demais
diante dos outros brinquedos)

O tempo passou e lhe fez
boneca mais que suíça
Aquela menina morena
que adorava cantar.

Mas Deus mudou seu caminho
brincando de marionete
(Que dados estranhos ele joga
no jogo que só ele ganha?)

Nublaram as suas idéias
do sonho de ser feliz
e os cães paramentados
fecharam as portas dos templos.

"Aqui não pode ficar
quem faz o livre-pensar
e pra poder frequentar
somente usando o crachá"

As suas mãos revidaram
criando flores de prata.

Agora o jogo termina
e como sempre acontece
o vencedor se recolhe
ao seu silêncio profundo.

Escuta um conselho do amigo:
não entre no céu loteado
do clero esclerosado.

Procure um planeta florido
e um anjo assim distraído
que saiba tocar violão
e espera por teu irmão:

- Eu levo a boneca comigo.

BOLSA DE VALORES

Um caminho no sertão
vale uma avenida
e um cavalo, mesmo velho,
um caminhão.

Um banho de enxurrada
vale, assim, a própria vida
num açude ou corredeira pelo chão.

Um aboio de vaqueiro vale um hino,
e o pião de um menino
um avião.

Um chocalho de ovelha
vale um sino
e uma casa, mesmo velha,
a solidão.

Contemplar a natureza vale a pena
um poema vale igual a uma oração.

E o valor daquela estrela imorredoura?
que igreja se compara à manjedoura ?

O TEMPLO, A CASA E O CASTELO

A casa era toda neblina
de pedras azuis e cetim
um sorriso breve, menina
primeiro retrato do fim.

Há quem afirme: existe
a casa, o templo, o altar
a curva das coisas tristes
e o alicerce do mar.

Fino contorno de sonho
que a existência permeia:
a casa na beira da praia
era um castelo de areia.

NORMAN E O MOTOR DA SALA

Para
Fanuel Paes Barreto
Paulo Dias
Tito Ângelo
Manoel Affonso

“Textos fortes, puros, definitivos. Beleza de literatura, força animal, doçura humana, tudo isso num coquetel límpido de águas e orvalhos, de suores de onças e ovelhas.”

Alberto da Cunha Melo

O Motor

No silêncio da sala há um motor que dorme um sono de óleo. Um sono externo como casca de caramujo. Um sono duro como a pele de uma pedra. O motor tem coração e dentes de ferro, partes de borracha e graxa em baixo. Catracas, rolamentos e cilindros. Que é motor e tigre, que é leão dormindo esperando movimento.

O motor da sala parado é morto e pesado, mas quando Norman chega e pega a manivela abrindo a passagem do ar, o motor ronca, estanca e pifa como quem não quer acordar. Mas Norman insiste e continua o movimento até o motor despertar. E partir aos poucos como uma locomotiva rouca, tremendo na sala, gemendo e suando e molhando o chão de óleo quente. Na sala o motor toma vida e fôlego. E grita fumaçando de repente.

?Acaso será gente esse motor da sala.

É só manivela e movimento continuamente.

O motor da sala é Norman somente.

O canário

O canário na gaiola prateada foi promessa de infância. Uma conversa assim à toa debaixo dos jambeiros floridos.

"Um passarinho" ele me disse.

"Vou lhe dar um canário."

Norman sugeriu que fosse numa gaiola prateada para contrastar melhor com a cor amarela das penas.

Mas eu era tão pequeno aquele tempo também. ? Que dinheiro pra comprar passarinho. ? Que passarinho para entender o mundo. ? Que canto possível para convencer o mundo da importância de uma promessa.

As tardes se foram. Passaram por mim como canários em revoada. Passaram por mim como uma chuva de flores de jambo.

Quando vejo um canário lembro dos olhos cerrados de Norman no caixão de madeira, pálido como um pequeno boneco, para sempre inanimado e triste à espera de uma mágica que não vem.

Pessoas a sua volta chorando e falando de Deus, do céu e dos anjos.

?Que anjos Possíveis portam manivelas.

Os olhos de Norman eram azuis e combinavam bem com seus cabelos louros e pele branca rosada assim, como a gaiola e o canário.

Quando ele se foi eu pensei que havia me livrado da promessa daquele tempo, mas eu me enganei, pois ele voltou mais tarde. Voltou sorrindo, trazendo consigo a manivela para ligar o motor e uma tranqüila determinação de me lembrar de tudo.

O jogador

A sua armadura parecia como a de um valete de espadas no campo de capim. O verde contrastava com o vermelho do calção e os olhos azul caleidoscópio.

Quando o time perdeu a última batalha e todos os meninos se retiraram cabisbaixos, apenas ele ficou no campo, sentado entre os dentes-de-leão crescidos sobre um pequeno monte de terra.

"? Que será de ti guerreiro vencido. ? Quantas flores precisa uma derrota."

"O jogo acabou." Respondeu.

Falei de cães abandonados em noites de nevoeiro, em passarinhos perdidos e brinquedos quebrados sem conserto. De potes de sorvete vazios, estórias com final triste e da grande infelicidade que se sente num dia de inverno, quando não se tem nada pra fazer a não ser se esconder no vidro da janela e ficar olhando o caminho das gotas de chuva.

Mas ele apenas fitava perdidamente o horizonte sem dar atenção a tudo aquilo o que eu dizia.

"! Jogador, há um mundo de lutas esperando por começar"

"O jogo acabou." Ele disse: "? Você não entende. Eu acabei e o jogo também."

Girei o caleidoscópio que tinha nas mãos e todo o desenho mudou de repente.

O Baile

A dúvida é eterna. Veste sempre rosa e azul com laço de fita no cabelo. Batom vermelho na boca de menina. Mãos perfumadas.

"? Será que ela aceita dançar comigo."

"! Vai lá. Não importa que o pai seja bravo, que a mãe enjoada e os irmãos estúpidos. Que o cachorro da casa dela nem deixe encostar no portão e que depois de casar o feitiço vire uma praga e a vida um eterno domingo de reclamação deixando a tristeza grudada no dedo anelar.

Norman se aproxima e sussurra:

"! Vai lá."

E eu que não sou bom jogador, que já disse não entender de domingos em casa. Que gosto apenas de ver a manivela girar o motor e fazê-lo partir e fumaçar dentro da sala. ? Que tenho eu com agulhas de tricô. ? Que tenho com aniversários na família. (Antes ser uma carta sem figura: Dois ou três de paus). ? Que tenho eu com a vida normal.

"! Vai lá, tira ela pra dançar. A vida inteira começa assim."

Manual de Instruções

Combine as roupas discretamente seguindo a tendência da moda. Não derrube os canapés. Não cotovele o garçom. Sorria com moderação, coma pouco e beba o mínimo possível. Mantenha um nível de conversas amenas e superficiais. Elogie a dona da casa e de vez em quando conte algumas vantagens pessoais.

A etiqueta recomenda ignorar o motor dentro da sala e a sujeira da gaiola do canário.

Ser polido, ser gentil, ser alguém importante considerado ser alguém respeitado por tudo isso e por guardar o manual. É preciso amar o manual e decorá-lo. É preciso costurar o manual no peito e vivê-lo. O manual deve ser uma bandeira, um mapa, uma escritura sagrada, pois sem o manual nada é possível.

Difícil é a vida sem o manual.

Conceituação Teológica de Norman

Há o Pai, o Filho e a Pomba.
Norman está por trás.
Faz caretas e estripulias
(Os três o amam demais).
A Pomba que sonhava ser canário
o Filho abandonado pelo Pai
e o Pai que toma conta até dos grãos de areia das praias
e tudo o que realmente queria era não ser Pai.

Na foto isenta de figuras eclesiais
tinha Norman em primeiro plano
(Os outros vinham por detrás).
De castigo por amor depois do cisma deram a Norman
a manivela para ligar sempre o motor. Ele gosta do ofício
mas reclama o canário prometido.

“Ninguém pode ser feliz completamente.” Lhe disseram
quando o time em que jogava não ganhou e a menina
não aceitou o convite.

“! Gire o caleidoscópio.”
Era só uma piada. E de repente o seu lugar na foto
mudou.

Últimas Palavras

Quando a luz fugiu dos seus olhos, os sonhos de mim se foram. Eu me tornei um velho tonto a vagar pelas ruas. Embora ainda pequeno soube verdades ocultas e soube do movimento e promessas que nunca serão cumpridas.

Vastos são os campos das derrotas, não importa a indumentária. Um exército de figuras do baralho: isso é o que o tempo nos reduz.

A orquestra se apronta para a última música de baile e a menina de vestido azul e rosa espera no canto o convite para dançar. Não há maior verdade fora disso. Todo o resto não passa de um eterno caminhar por um trigal iluminado.

Um menino de olhos de anjo me empurra para a vida. Um amigo desfeito em luz que o povo levou nos braços pela rua a plantar no pé do outeiro e que hoje me aparece em vulto somente para ligar o motor da sala onde moro. Ele chega em silêncio mas eu sei que é mesmo sua uma voz que diz assim:

“ O jogo acabou. Só me resta girar a manivela. Este é o meu destino. Não se esqueça do passarinho na gaiola de prata. A promessa está selada: É um valete de espadas entre dentes-de-leão. A orquestra se prepara, por favor não demores. Rasgue o manual, siga adiante, é a última música que vão tocar. Depois dela só existe um grande e infinito vazio. Um vento que gira o caleidoscópio tecendo a canção da mudança - as pedras coloridas que vão caindo, caindo, parecendo para sempre perguntar: ? Que foi. ? Que foi. E ninguém responde. E em volta tudo é silêncio. Embora você saiba quem continua escondido por entre os jambeiros floridos nas tardes de sua infância.”

MIGUEL, O GATO

Um gato
Um simples gato
Não é apenas uma coisa dos telhados
Dos muros
De becos escuros
E noites de lua.

Miguel, por exemplo, era mais que um gato
Sendo um gato.
Rabo comprido
Seu andar, seus olhos...
Bigodes e silêncio
O pêlo macio, negro,
Miguel não de si mesmo
Miguel das sombras.

Uma lagartixa na parede
Fazia mais barulho que Miguel.
Gato enorme, azarento
De um olhar faiscante
Mostrava um mundo queimando:
Fogo eterno – sua mente.

Num só pulo, de telhado em
Telhado
Miguel era pássaro
Voando por fora e por dentro
Com saltos lentos e distantes.

Era preciso escapar da pedra
Do cabo de vassoura, do pontapé
Do grito e da carreira – dos meninos
Do sinal da cruz
Da praga e da oração.

Da água, Miguel, da água...
Fugir dos dias treze
De perto de um pescador
De um tiro até de um tiro.

Fugir dos ratos envenenados
Da gaiola do passarinho
Miguel, o cachorro !
Ufa... que pulo !

É preciso fugir, gato
De tua tristeza também
Dessa vida miada
Madrugadas insones
Serenatas pro nada.

Gato ?
Além de ser gato ser preto
E sentir tanta solidão.

Miau
Como tu és esquisito.

Longos passeios
Em tardes quentes
voltas desconfiado
(és teu confidente)

Aquela velha – a gorda – da igreja
Falou que és embaixador do demônio
Embaixador do diabo
E que tens sete vidas
Miguel
Teu miado é blasfêmia
E nos teus olhos brilha o fogo
Das profundezas do inferno.

Caminhas sereno
Faça chuva ou sol
És - tu Miguel – a imparcialidade engatada.

Nas baixas horas da noite rondas as casas
E lá em cima no telhado
Lambes as tuas patas.
Acaso falas com as estrelas ?
Com espíritos ?
Outros gatos ?

Não foste tu quem derramou o leite ?
Assassino !
Matou o rato
Comeu o canário
Escondeu o sapato
Sumiu com o peixinho do aquário.

Embaraçou o novelo ?
Perdeu o baralho ?
Eras tu que andavas com aqueles gatunos ?
Com as gordas gatas do porto ?

Tua sombra apareceu na
Esquina da rua
O teu rabo balançando.
Estavas em cima de uma lata de lixo.
Tu, Miguel ?

Deitou na almofada nova
Escapuliu das mãos
Zapt, uma patada...
Farto sangue.

Miguel viu o crime
Todinho, inteirinho mesmo.
Sabe quem matou o padeiro e
Só Miguel sabe quem foi.
Miguel cúmplice.

Cuidado, lá vem o carro
Corra na frente dele
Senão as patas do carro
Quebram a tua espinha.
Será teu último distante miau.

Miguel eu vi no portão
Do cemitério
Do advogado
Da igreja
Do açougue e do mercado.

Miguel, tu estavas em cima daquela pedra
Olhando para mim.
O que é que tu queres, ein Miguel ?

Quando te dão restos, tu comes
Lambes tuas patas e mias
Tu e teu miado...

Miguel, quem te chamou assim ?
Miguel é nome de santo.
Nome de gato é Belzebu.
Lúcifer, pintado, tinhoso,
Condenado, bichano,
Sai daqui.

Estás no colo da velha
Nos braços de uma solitária
No enterro do sacristão
Debaixo de uma árvore
No meio da ponte
No fim do corredor escuro
No jardim, olhando uma borboleta branca.

Comadre, quem mata gato tem
Sete ano de atraso.

O cão, Miguel, meu caro
Já é o melhor amigo do homem.
Precisa dizer mais alguma coisa, Miguel ?
Eu creio que não.

O mundo de Miguel é o telhado.
A escuridão.
Sua paixão, sua vontade, sua dor
Talvez nem mesmo ele saiba.
Miguel apenas sente.
Apenas.

Fosse o que fosse
Era um gato.
Gato sempre será.

De manhã bem cedo
Acharam Miguel junto da porta
Da cozinha
Esticado, boca aberta
Em cima do limpa-pés.
Era a sétima, ein, bichano ?

A empregada correu gritando
"patroa acuda, o gato se matou !"
"O que Maria ?"
..."matou-se, o gato!"

Miguel jogaram-te em cima do caminhão de lixo.
Eu vi.
Agora, diz a velha da igreja que na noite
Do mesmo dia, ela te viu
Pulando de um telhado para o outro.
E que tua sombra anda por aí
Viajando.
Aparecendo e desaparecendo
Na curva de um caminho
Entrando no mato cerrado
Atravessando a cerca
Do outro lado do rio
De noite.

Tua cabeça agora
Neste momento
Está de costas para mim
Mas vem girando bem devagar, de pouquinho
Assim, em câmara lenta
Na escuridão da noite – tudo escuro,

E daqui há pouco presumo que vais estar
olhando
Em meus olhos.

Teu rosto vai aparecer
Já está aparecendo
Lentamente
Como num filme sem palavras.

Miguel, teus olhos...
Parou.
Tua cabeça toda parou como numa fotografia.
Está fixa, olhando para mim.

Mas tu estás no lixo
Ou no que penso ?
Tenho pena de ti
Anjo mudo,
Desgarrado.

O teu castigo, Miguel
O teu fado,
É não morrer.

QUANDO EU VOLTAR PRA CASA

I

Toda perda é viagem
Enxurrada de inverno
Uma pedra quando rola
E a levam para longe
No vazio preenchido
Nada cabe por completo.

Toda perda é um navio
Que se parte na metade
É uma concha na metade
Que a água separou.

Toda perda é contínua
Se navio, pedra ou gente
Tudo racha tudo fende
Tudo é separação.

Toda perda é completa e por ser mesmo absurda
Não tem ida nem retorno
Nem vereda nem caminho
Nem lugar de repousar.

É uma sala de espelhos
Um país de língua estranha
Onde a noite uma cantiga
A distância se escuta:

Quando eu voltar pra casa
Serei teu por toda a vida.

II

Se um lugar é como tu
Num lugar familiar
Te encontras ?

Se a lembrança de um cheiro bom
Antigo e restaurador
E a mão que pousa no teu ombro chama
Teu nome como ninguém sabe chamar
E a té a camisa e o sapato são aqueles
Preferidos sabes que tudo te pertence
Porém isso é muito breve
E quando volta a escurecer
Toda rua e toda esquina
É uma vasta terra estranha
Te perdes novamente
E perdido ficas sempre e para sempre a te
encontrar
Como foi com Prometeu.

Sorri, disfarça
Esconde as tuas mãos no bolso
Um perdido é logo achado
Brilhando no lusco-fusco
No meio da multidão
Ele leva escrito ao rosto: ESTOU PERDIDO
E por isso todos riem
E se riem, ri também
Sê teu circo e teu palhaço
Que um perdido não tem jeito
Não tem casta nem perdão.

III

Nada na vitrine te conforta
Nos altares das igrejas, profecias
A certeza de um lote lá no céu
A saúde que em ti o caldo esfria
O aumento de salário loteria
O almoço de Domingo com família
Carro novo estacionado frente a porta
A mulher tão elegante e bem vestida
O encontro social conveniente
A conversa bem polida e conseqüente
Nada disso te conforta: Estás perdido
Estás perdido novamente.

IV

Tange os cães deste teu peito
Corta a mão à muçulmana
Passa a noite preparando a dinamite
E detona.

Bebe à mesa dos injustos
Te associa com ladrões
Rasga a carne que é comida
Dos leões.

Sê completo e por inteiro
Sê amável e cruel
Prova o doce que há num copo de fel.

Vê na mesa a vida é posta
Por causa da tua fome
Senta ao lado do destino
E come !

V

Está perdido o bom menino
De sua mãe se desgarrou
Como a ovelha do rebanho
Do bom pastor.

Não entende a sinfonia
Da cidade a buzinar
Nem as regras da doutrina
Que vomitam do altar.

É um anjo desviado
Que caiu do paraíso
Está perdido então de fato
Ou perdeu só o juízo ?

Quem tem mais saldo no banco
É você, é ele, ou eu ?
Quem de nós está na moda ?
Quem mais cedo envelheceu ?

Está perdido de verdade
Bom menino de Jesus
Por que não dançar um tango
quando leva a sua cruz ?

-ATENÇÃO MUITA ATENÇÃO
ENCONTRA-SE NA ADMINISTRAÇÃO
UMA CRIANÇA PERDIDA DE SUA MÃE
ELE ATENDE PELO NOME DE
JESUS CRISTO
E É ASSOCIADO DO LIONS CLUB.

VI

Um guia de cego
Um cachorro abandonado
A família reunida no retrato amarelado.

A notícia no hospital
Uma sala tão vazia
A goteira pingando dentro da pia.

As ruínas da lembrança
Um antigo madrigal
Leve dança de vestido pendurado no varal.

Galo belga escarlate
Sua boca junto a minha
Guardo um nome de mulher: Maria.

VII

A tua palavra eu gastei
nos dias em que tenho vivido
aos poucos, em gestos, Senhor
para não pecar contra ti.

Bebi dos vinhos do mundo
para ver a vida mais leve
e voltava de noite sozinho
procurando o mais longo caminho
para não pecar contra ti.

A tua palavra floriu
nos seios que afaguei
e os corpos que acalentava
buscavam carinhos tristonhos
mentia ao vender os meus sonhos
mas nenhum centavo lucrei.

Eu sei dos meus dias contados
como a tua palavra no terço,
para não pecar contra ti,
às ondas do mar obedeço.

VIII

Quando eu voltar pra casa
Serei teu por toda a vida
Vem à porta receber-me
Com teus braços me abraçar
Estarei muito cansado, pai
Dá-me um canto de dormir
Como quando era menino
E brincava por aqui.

Unge o meu corpo com óleo
Enche o meu copo de vinho
Serei teu por toda vida
Teu cordeiro arrependido.

Chama as putas, marinheiros
Agiotas e ladrões
Os que furtam galinheiros
Mentirosos, bebarrões
Põe à mesa a concertina
Violões e tamborins
O teu filho está de volta
E não mais irá sair.

Faz a festa da alegria
A celebração da volta
Toda volta é como um dia
Escondido atrás da porta.

-Eis meu filho tão amado
(diz assim pai por favor)
que perdeu-se no passado
mas que agora se encontrou.

Senta à mesa do meu lado
Põe a tua mão na minha
Que estarei na tua casa
Por longos dias.

EX-LIBRIS



EDITORES REUNIDOS
DO ALTO SERTÃO

LUIS MANOEL SIQUEIRA

www.assumpreto.zip.net

www.todasasjanelasdomundo.blogspot.com

alcantilado@hotmail.com

